

AperTO - Archivio Istituzionale Open Access dell'Università di Torino

«Um périplo pela cidade morta: a Goa crepuscular de Guido Gozzano»

This is a pre print version of the following article:

Original Citation:

Availability:

This version is available <http://hdl.handle.net/2318/1635620> since 2017-05-17T16:01:20Z

Terms of use:

Open Access

Anyone can freely access the full text of works made available as "Open Access". Works made available under a Creative Commons license can be used according to the terms and conditions of said license. Use of all other works requires consent of the right holder (author or publisher) if not exempted from copyright protection by the applicable law.

(Article begins on next page)

Um périplo pela cidade morta: a Goa crepuscular de Guido Gozzano

Matteo Rei

Guido Gozzano nasceu em Turim em 1883 e veio morrer no mesmo local em 1916, sem ter completado os trinta e três anos de idade. Nesta cidade publicou também a sua obra mais importante, a coletânea poética *I Colloqui (Os Colóquios; 1911)*, em virtude da qual é considerado o mais lúcido e hábil artífice entre os autores que, na história da literatura italiana, se costumam integrar no conjunto dos *poetas crepusculares*. E de facto os textos poéticos da sua lavra mostram bem os atributos mais característicos da escola: a atmosfera melancólica, a *hantise* do passado, o motivo da doença, a predileção por tons (polemicamente) apagados, a ironia como antídoto contra a ênfase grandiloquente do amado/odiado D'Annunzio e finalmente o contraste chocante entre palavras e motivos de âmbitos temático-lexicais desiguais, como nos casos (para citar os exemplos mais conhecidos) da palavra *malinconia* (melancolia) em rima com *radioscopia*, ou de *Nietzsche* em rima com *camicie* (camisas)¹.

Poeta inovador e extremamente ciente dos próprios meios expressivos, Gozzano foi também autor de alguns esmerados textos em prosa, entre os quais cumpre aqui destacar as crónicas publicadas em revistas e jornais na sequência da viagem que, em 1912, o levou à Índia na tentativa malograda de travar ou abrandar, com a mudança de clima, o avanço da tuberculose pulmonar que o vitimaria quatro anos mais tarde. A análise que tencionamos desenvolver nestas páginas incidirá, com efeito, numa das *Cartas da Índia*, reunidas em 1917, no volume *Verso la cuna del mondo (A caminho do berço do mundo)*, nomeadamente, no relato intitulado *Goa: «La Dourada»*, que trata, como é fácil de imaginar, da visita ao principal entreposto português na costa da Índia².

A este propósito convirá desde logo salientar que nos encontramos (como acontece também em outros textos da coletânea póstuma) perante a crónica de uma visita quase indubitavelmente imaginária, dado que, ao que parece, as únicas etapas reais do percurso indiano do escritor foram a cidade de Bombaim e a ilha de Ceilão. O que surge aqui é, portanto, como já assinalou Piero

¹ Sobre os principais traços estilísticos comuns à poesia dos crepusculares italianos, veja-se: Pier Vincenzo MENGALDO, «Intorno al linguaggio dei crepuscolari» in *La Tradizione del Novecento (Quarta serie)*, Torino, Bollati&Boringhieri, 2000, pp. 15-25.

² O texto de *Goa: «La Dourada»* foi publicado pela primeira vez no número de 15 novembro/15 dezembro de 1915 da revista *Bianco Rosso e Verde*, com o subtítulo «Lettere dall'India». As citações são extraídas de: Guido GOZZANO, *Verso la cuna del mondo – Lettere dall'India*, Edizione a cura di Alida D'Aquino Creazzo, Firenze, Leo S.Olschki, 1984, pp. 19-31. Todas as citações extensas da crónica em análise aparecem na tradução portuguesa que foi feita, a pedido do autor deste ensaio, por António Fournier, sincero admirador e profundo conhecedor da obra de Gozzano, para além de incansável arauto e propagador da literatura portuguesa em Itália. Aproveito então esta nota para expressar o meu agradecimento ao próprio António Fournier e também a Marta Pacheco Pinto, que, tendo lido uma versão inicial deste texto, me fez algumas, muito úteis, sugestões.

Cudini, «a ficção literária dum relato de viagem»³, em que, desde o *incipit*, as informações enciclopédicas sobre Goa se juntam às referências intertextuais à obra de outros escritores e os motivos característicos da poesia crepuscular se misturam com (supostos) dados autobiográficos.

Ir a Goa, porquê? Os porquês são muitos, todos indefiníveis, quase inconfessáveis; falam exclusivamente à minha íntima nostalgia de sonhador vagabundo. Porque Goa não é recordada por Cook, nem por Loti, porque nenhuma sociedade de navegação faz lá escala, porque a ela me impele um soneto de De Heredia, inesquecível, porque poucos nomes atiçaram a minha curiosidade de adolescente como o nome de Goa: Goa, a Dourada. (p.19)

Não surpreende, então, que, logo no exórdio duma das suas crónicas mais imbuídas de «ficção literária», Gozzano se refira a outros autores, embora as alusões aqui patentes ocultem algumas armadilhas. Desta maneira, o poeta italiano menciona Pierre Loti (1850-1923) na abertura dum dos seus relatos que menos está endividado com *L'Inde (sans les Anglais)* do escritor francês, ou declara mesmo que foi um soneto de Heredia a levá-lo para o entreposto português, um soneto em que, porém, de forma alguma se fala de Goa. E, ao passo que revela referências enganadoras, a *carta* encobre a sua relação com outros textos, cuja contribuição resulta bem mais palpável para a configuração aqui patente da ambiência goesa. É o que acontece, por exemplo, no caso do oitavo volume (*L'Inde et l'Indo-chine*; 1883) da *Nouvelle géographie universelle* de Élisée Reclus (1830-1905), de que Gozzano retira, entre outras, as singulares informações respeitantes ao túmulo de São Francisco Xavier e à devoção tributada ao Apóstolo das Índias.

RECLUS: Le palais de l'Inquisition, où régnaient autrefois les vrais maîtres du pays, n'est plus qu'un amas de débris; mais la cathédrale, église primatiale des Indes, existe encore, de même qu'une ancienne mosquée, transformée en couvent de Saint-François. Dans la riche église du Bom Jesus se voit le tombeau somptueux, jaspé, marbre et argent, qui renferme les restes de François de Xavier, l'apôtre des Indes. Le corps du saint fut officiellement déclaré "vice-roi des Indes et lieutenant général"; et c'est de lui que le véritable gouverneur était censé tenir ses pouvoirs; encore au commencement du dix-neuvième siècle, il allait les demander en grande pompe à Bom Jesus avant de prendre possession de son gouvernement. (pp. 476-477)

GOZZANO: Formidável como uma fortaleza o Palácio da Santíssima Inquisição [...].

Eis a Catedral, igreja abacial das Índias, mesquita transformada em templo cristão por São Francisco Xavier. E eis a igreja do Bom Jesus numa praça deserta, sombreada por palmeiras. Visito o túmulo do

³ Piero CUDINI, «Prefazione» in: Guido GOZZANO, *Un Natale a Ceylon e altri racconti indiani*, Milano, Garzanti, 1984, p. 17.

Santo, sumptuoso mausoléu barroco de jade, mármore e prata. O corpo do Santo foi oficialmente declarado Vice-rei das Índias e Lugar-tenente general; o verdadeiro governador que chegava de Portugal tinha de pedir autorização ao corpo idolatrado e, ainda no começo do século XIX, dirigia-se em grande pompa a esta igreja antes de tomar o seu lugar: o rito impunha que voltasse a visitar as santas relíquias, antes de tomar qualquer decisão importante... (pp. 27-28)

E a rede de correspondências intertextuais que prende o relato em análise à obra do geógrafo francês não se restringe aos trechos citados. Do livro de Reclus provêm também, por exemplo: a atribuição a Goa do título de «Rainha do Oriente, orgulho dos filhos de Luso» (p. 26; com base numa tradução francesa d'*Os Lusíadas*); o adágio segundo o qual «Qui a vu Goa n'a pas besoin de voir Lisbonne» (na versão de Gozzano: «Chi ha visto Goa non ha più bisogno di veder Lisbona»; *Ibid.*); até mesmo, enfim, o próprio epíteto de «Goa, a Dourada» que intitula o texto. Mas talvez valha a pena salientar sobretudo a presença, nas páginas da *Nouvelle géographie*, do tema mortuário da cidade em ruínas, que se vai tornar no fio condutor da crónica posterior: «Au milieu du dix-huitième siècle, Goa était une ville morte; maintenant elle n'est plus qu'une forêt de cocotiers au milieu de laquelle s'élèvent de nombreuses ruines, le tour et les coupes d'une trentaine d'édifices religieux» (p. 476)⁴.

A *une Ville morte* é também o título, acrescenta-se, dum soneto de José-Maria de Heredia (1842-1905), que Gozzano menciona no exórdio e acaba por citar na íntegra na conclusão do seu relato. E neste caso é o próprio tópico da *cidade morta* a tornar possível a associação entre Goa e um texto que visa, na realidade, a descrição dum local completamente distinto. É desta maneira que o melancólico e decrépito cenário urbano da Cartagena das Índias, evocado pelo poeta parnasiano, chega a confundir-se com o da cidade colonial portuguesa à beira do Índico, criando no leitor (cúmplice ou desatento) a impressão de que a «Morne Ville, jadis reine des Océans», cantada no poema francês, corresponde à localidade evocada pelo escritor italiano⁵.

O retrato de Goa é, então, delineado a partir de dois temas, o do declínio da glória passada e o do fascínio pelas ruínas, cuja comum origem decadentista (e, remontando mais longe, romântica) parece inequívoca. Estes mesmos itens podem associar-se, de resto, a motivos congêneres que pertencem a uma tradição bem mais antiga, como o motivo do *ubi sunt*, que também contribui para a conotação daquela que o escritor considera ser «a mais estranha, a mais triste das cidades mortas»

⁴ As citações são extraídas de: Élisée RECLUS, *Nouvelle géographie universelle: le terre et les hommes – VIII L'Inde et l'Indo-Chine*, Paris, Librairie Hachette, 1883, pp. 476-479. No texto de Reclus o epíteto «reine de l'Orient et orgueil des enfants de Lusus» surge como citação procedente do Canto II (oitava 51) d'*Os Lusíadas*; a fonte é a tradução francesa de Jean Baptiste Joseph Millié (1772-1826): «Goa conquise sur les infidèles deviendra la reine de l'Orient [...] et l'orgueil des enfants de Lusus»; Luiz DE CAMÕES, *Les Lusiades, ou les Portugais*, traduction de J.B.J. Millié, revue, corrigée et annotée par M. Dubeux, Paris, Charpentier Libraire-Éditeur, 1862, p. 43.

⁵ Veja-se: José-Maria DE HEREDIA, *Les Trophées*, Paris, Alphonse Lemerre, 1893, p. 116.

(p. 27). Basta ver como – perante os destroços dum «paço seiscentista, imponente, com grades barrigudas», após ter constatado que do soberbo fidalgo que outrora levantara aquele edifício até o nome se perdeu – o narrador encontra logo ensejo para um desafogo em que emerge, na sua forma mais típica, o tópico da fugacidade da glória e da inconstância dos bens deste mundo: «Será possível que três séculos possam ter reduzido a nada a memória da nossa passagem pela terra? E a memória de homens poderosos, de dominadores temidos e invejados que povoaram o mundo com os seus feitos e o seu nome, que os seus nomes impuseram com a cruz e com a espada, esculpindo-os no mármore e no ferro dos seus magníficos palácios» (p.26).

O motivo da *cidade morta* atravessa, assim, todo o relato, embora passando por diferentes *nuances*. Veja-se, por exemplo, o que acontece no momento em que, abandonados os destroços do solar fidalgo, o autor passa a contemplar «as ruínas religiosas, mais tristes das ruínas profanas» (p. 27), envolvendo-se numa descrição em que surge o tema da vegetação que provoca ou acelera, devido à sua exuberância, o desmoronamento das edificações humanas. Encontramo-nos aqui, com toda a evidência, perante um momento especialmente propício não apenas à glosa dum refrão recorrente no imaginário decadentista, mas sobretudo à manifestação do traço que Eugenio Montale considera mais típico da poética de Gozzano, ou seja, a tendência para explorar literariamente o choque entre elementos discordantes e inconciliáveis, como, no caso em exame, natureza/civilização, presente/passado, exótico/doméstico⁶.

Descanso à sombra fresca de um fragmento de abóbada em ogiva, que se mantém ainda em pé por milagre porque sustida por um único muro sobrevivente. A minha nostalgia ilude-se por instantes de estar numa igreja em ruínas da Romanha ou do Abruzzo. Mas três macacos obscenos – autêntico símbolo apocalíptico de Satanás – ocupam o vão da abside, uma revoada de papagaios minúsculos atravessa as quatro ogivas; não é a hera, não é a lagartixa amiga que animam a pedra morta, mas uma estranha trepadeira com flores escarminhas, e os camaleões diabólicos, de olhos estrábicos... Por cima, um coqueiro introduziu na igreja uma folha imensa e abana-a devagar, projetando no chão a sombra de uma mão que abençoa.

A melancolia da cidade morta está toda no contraste desta idade média europeia, deste nosso passado, soterrado debaixo de um céu de exílio, numa terra selvagem. (p. 27)

⁶ Cfr. Eugenio MONTALE, «Saggio introduttivo» in Guido GOZZANO, *Le poesie*, Milano, Garzanti, 1960, pp. 7-15. A propósito da associação entre o tópico das ruínas e o da exuberância da vegetação, veja-se: Jean PIERROT, *L'Imaginaire décadent (1880-1900)*, Paris, Presses Universitaires de France, 1977, pp. 279-280. Encontramos alguns dos contrastes salientados no texto de Gozzano na visão de Goa que surge na coletânea, aproximadamente coeva, *A Cinza dos Mirtos* (Nova Goa, 1906) de Alberto Osório de Castro (1868-1946). Veja-se, por exemplo, o seguinte quarteto do soneto intitulado *Velha Goa*: « São ruínarias só, parasitas crescidas / Nos bastiões da muralha e o brasão do solar. / Só chama o Sino de Oiro, entre igrejas caídas, / Ao tigre que dormita e à cobra a rastejar»; Alberto OSÓRIO DE CASTRO, *Obra poética – Vol. I*, Introdução de José Carlos Seabra Pereira, Organização de António Osório, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 204.

No âmbito da contraposição entre «passato nostro» e «terra selvaggia», «medioevo europeo» e «cielo d'esilio», situa-se também a referência intertextual (que foi já apontada por Edoardo Sanguineti; *cfr. infra*) à descrição análoga que Pierre Loti tinha feito da antiga colónia francesa de Pondichéry, «cette vieille ville lointaine et charmante, où sommeille, entre des murailles lézardées, tout un passé français», vila sonolenta atravessada por «petites rues» que, para Loti, só se podem encontrar «au fond de nos plus tranquilles provinces»⁷. Através das alusões (mais ou menos explícitas) à Pondichéry de *L'Inde (sans les Anglais)* ou à Cartagena das Índias de *Les Trophées*, Gozzano evidencia, então, o peculiar encanto das antigas cidades coloniais, em que o exotismo se encontra paredes-meias com a saudade, enquanto a exuberância da vegetação tropical faz par com a «tranquilidade provinciana e isolada» que, vinte anos mais tarde, impressionará o escritor Alberto Moravia ao percorrer as «ruas desertas, com relva nas calçadas» doutro entreposto oriental português: Macau⁸.

A configuração de Goa no texto em análise remete assim o leitor para um tecido semântico urdido a partir de uma série de contraposições, entre as quais ganha especial relevo a antítese entre o glorioso passado de Goa e a sua decadência presente. Nesta perspetiva revela-se crucial a referência a *Os Lusíadas*, de que o autor teria encontrado um exemplar («entre uma lata e um cacho de bananas») no porão do navio em que diz ter viajado para Goa e que alega ter lido em língua original, durante a mesma viagem, graças à ajuda de grumetes e cozinheiros⁹. Sem nos determos nas circunstâncias, claramente imaginárias, em que se teria dado o encontro com o poema épico, importa mais sublinhar a avaliação da obra portuguesa aqui fornecida por Gozzano, que, como Angela Casella já veio indicar, tinha em verdade travado conhecimento com a criação de Camões através da tradução do helenista milanês Felice Bellotti (1756-1858)¹⁰.

⁷ Pierre LOTI, *L'Inde (sans les Anglais)*, Paris, Calman Lèvy, 1903, p. 213. Parece também inspirada no livro de Loti a interrogação que abre o relato de Gozzano («Andare a Goa, perché?...»; p. 19; *cfr. supra*): «Point d'étrangers non plus, ni de touristes: on ne passe pas par Pondichéry, et qui donc y vient pour y venir?» (p. 214); e o mesmo pode dizer-se do tópico da *rêverie* exótica originada pelo fascínio dum nome («pochi nomi turbavano la mia fantasia adolescente quanto il nome di Goa: Goa la Dourada»; *Ibid.*): «Pondichéry!... De tous ces noms de nos colonies anciennes, qui charmaient tant mon imagination d'enfant, celui de Pondichéry et celui de Gorée étaient les deux qui me jetaient dans les plus indicibles rêveries d'exotisme et de lointain» (p. 212).

⁸ Veja-se: Alberto MORAVIA, «Un giorno a Macao» in: *Viaggi: articoli 1930-1990*, Milano, Bompiani, 1994, pp. 229-235 (cit. p. 230). O texto de Moravia foi publicado pela primeira vez no jornal *Gazzetta del Popolo* do 12/05/1937.

⁹ O navio que leva Gozzano a Goa tem, na crónica, o nome (minguadamente luso) de *Pedrillo*, quiçá porque uma personagem assim chamada faz a sua aparição no âmbito da *opéra-comique* de Eugène Scribe *Les Diamants de la Couronne* (1841), cuja intriga se desenvolve em Portugal nos últimos anos do reinado de D. José I. (Da peça de Scribe existe também uma tradução oitocentista italiana).

¹⁰ *Cfr.* Angela CASELLA, «Le isole non trovate» in *Studi novecenteschi*, luglio-settembre 1976, pp. 123-135. A tradução d'*Os Lusíadas* foi publicada, poucos anos volvidos sobre a morte de Bellotti, em 1862. Veja-se: Luigi DI CAMOENS, *I Lusiadi*, tradotto dalla lingua portoghese da Felice Bellotti. Si premettono le memorie della vita e degli scritti del

Veremos então que o poeta italiano, embora considere a gesta dos descendentes de Luso uma das «mais perfeitas obras-primas que a Renascença legou à literatura europeia» (p. 22), acaba por confessar que, ao folhear as façanhas de Vasco da Gama e dos seus companheiros, não pode abdicar dum «sorriso de irreverência» (*Ibid.*). Postura irónica que o leva a descortinar nos principais heróis e episódios do poema o andar empolado e burlesco, os contrastes estrídulos e a gravidade postiça dum desfile de máscaras.

A figura do descendente português de Ulisses é tão grotesca, mascarada consoante a obsessão classicizante do tempo: parece-me ver as botas, a sobreveste sovada de um pirata medieval despontar por baixo da couraça, o capacete em forma de clípeo com reminiscências homéricas e virgilianas. [...] E eis Dido disfarçada de Inês de Castro [...] e o Ciclope, parodiado pelo gigante Adamastor. (p.23)

Livro «bufo», mas «cheio de encantos», «viático poético [...] para o sonhador que rumo à lendária Goa» (p. 23), a epopeia portuguesa, em virtude da sua peculiar mistura de elementos cristãos e mitologia clássica, dir-se-ia tornar-se, sob este ponto de vista, numa leitura que corresponde às preferências do poeta italiano, que, noutra crónica de temática indiana, se declara «amador do anacronismo e do paradoxo» (p. 4). Nem surpreende que a ambivalência da personagem de Vasco da Gama, a meio caminho entre herói homérico e «pirata medieval», se encontre evidenciada por quem, na opinião de Eugenio Montale, foi o primeiro, em Itália, «a fazer sair faíscas do choque entre áulico e prosaico»¹¹.

Vale a pena lembrar, de resto, que para Gozzano *o forte Gama*, apesar dum ou outro traço grotesco, é também o legítimo expoente duma época heroica, em que ainda não estava de todo perdida a noção «do novo e da aventura» e ainda era possível sonhar com a hipótese de velejar rumo às «*Terrae Ignotae*» e às «*Insulae non repertae*» (p. 20; itálicos do autor). O navegador português surge então associado à memória das terras e dos arquipélagos que enchem a fantasia do homem medieval e os mapas dos antigos cartógrafos: regiões míticas a que o poeta crepuscular já tinha dedicado os versos do díptico *La più bella (A mais formosa)*, publicado em 1913, em que faz alusão a uma ilha, da mais perfeita beleza, que nunca ninguém teria encontrado e que outrora um Rei de Portugal teria legado ao seu primo, Rei de Castilha¹².

traduttore, ed in fine si aggiungono la vita di Luigi di Camoens e le dichiarazioni di alcuni passi dei Lusiadi – di Gio. Antonio Maggi, Milano, presso Carlo Bionca, 1862. Analisei de maneira mais pormenorizada a relação entre o texto de Gozzano e a tradução de Bellotti no ensaio: «Lo splendore e la morte: la configurazione letteraria di Goa in Guido Gozzano, Tomás Ribeiro e Alberto Osório de Castro» in *Destini incrociati. Intrecci e confluenze nelle culture romanze* (a cura di Gabriella Bosco), Torino, Trauben, 2014, pp. 181-196.

¹¹ Eugenio MONTALE, «Saggio introduttivo», p. 9.

¹² Veja-se: Guido GOZZANO, *Poesie*, revisione testuale, introduzione e commento di Edoardo Sanguineti, Torino, Einaudi, 1973, pp. 355-356.

A referência a *Os Lusíadas* visa, em suma, envolver o nome de Goa numa auréola de mito e de lenda, no momento em que a cidade (que desde o título se encontra relacionada com o promissor epíteto de *Dourada*) ainda se reduz, para o viajante, a uma realidade de contornos imprecisos, a um destino misterioso sobre o qual projetar as próprias vagas expectativas. Elemento substancial das páginas que evocam a Goa da Era dos Descobrimentos, o intertexto camoniano alimenta, assim, um tom eufórico que em breve acaba por se transformar, segundo um processo recorrente nas crónicas indianas de Gozzano, no sentimento de decepção associado ao desembarque e ao périplo através das ruínas da cidade morta.

Volto a atingir o último limiar da desilusão, pago o preço da curiosidade doentia de querer ver de demasiado perto a realidade das pedras mortas, de querer constatar que as coisas magnificadas pela história, pela arte, cantadas por poetas, já não existem, nunca mais existirão, são como se nunca tivessem existido! (pp.26-27)

A um sentimento de desilusão conduz também, ademais, a deslocação através das ruas do entreposto colonial, ladeadas por «solares arruinados» e «vegetação selvagem» (p. 27). O trajeto goês de Gozzano configura-se, com efeito, como um percurso à procura duma figura fugidia e fantasmática, a do padre Vico Verani, irmão dum seu antigo colega de escola, que ali teria desembarcado alguns anos antes na qualidade de missionário. Desde as perguntas endereçadas, no navio em que ruma a Goa, a alguns monges que se dirigem ao convento de Pangim – monges que, em virtude dos olhos negros, das sobrancelhas espessas e do rosto anguloso, se lhe apresentam como figuras dignas do pincel de Ignacio Zuloaga (1870-1945) – até ao caminho percorrido através da «solidão de plantas e ruínas» (p. 27) da cidade velha, o narrador não desiste desta busca, cujo resultado, no interior dum cenário de traços necróticos intencionalmente acentuados, é fácil de prever: «O padre ergue o rosto, fita-me com olhos plácidos: – Morreu a 22 de Outubro de 1896» (p. 29).

O conúbio entre fulgor e morte que caracteriza a crónica pode, então, encontrar a sua expressão essencial na ação que exercem, com efeitos contrastantes, dois nomes próprios: o nome de Goa (a «Dourada»), que sustenta o ilusório enlevo anterior ao desembarque, e o nome do missionário Vico Verani, objeto duma teimosa investigação que termina entre os livros dos Arquivos Eclesiásticos e conduz ao doloroso reconhecimento da inutilidade dum trajeto em que o poeta não fez outra coisa senão «seguir o rasto dum morto na cidade morta» (*Ibid.*). Isto equivale a dizer, noutros termos, que o fascínio inicial pelo exótico e pelo halo de glória que envolve o passado de Goa acaba por ceder,

no texto, à «procura das coisas mortas» que, segundo um dos mais congeniais intérpretes da obra do autor, o crítico e poeta Edoardo Sanguineti, seria «típica do percurso de Gozzano»¹³.

Depois da amarga descoberta que encerra o périplo do escritor pelas ruínas de Goa, sobrevêm apenas, em jeito de epílogo, os trechos dedicados à rápida passagem pela contígua localidade de Pangim, em que ganham destaque todos os traços aptos a salientar o contraste entre a obsidante melancolia dos painéis urbanos contemplados até àquele momento e a vivacidade que, ao invés, caracterizaria a «Goa Moderna» (cujos moradores aparecem retratados com base, mais uma vez, nas notícias disponibilizadas por Élisée Reclus)¹⁴. Eis então o poeta, ao anoitecer, em busca das distrações que Pangim lhe teria proporcionado em virtude da sua alegada modernidade (cafés, candeeiros a gás, inclusive um cinema!), passando «da forma mais banal» (p. 29) algumas horas de relativa serenidade que, contudo, não parecem representar mais do que um transitório intervalo, depois do qual logo chega a hora de regressar à habitual tónica disfórica.

É o que acontece quando, ao escrever postais aos amigos sorvendo um copo de licor, Gozzano encontra ensejo para retomar as suas reflexões sobre o desconcerto e a fugacidade deste mundo, ao reparar na efígie de D. Carlos na diminuta moldura dum selo. Ali o rei, embora tivesse sido assassinado uns anos atrás, ainda teria feito a sua risonha aparição, por baixo da palavra «República» que, impressa por um carimbo impiedoso, teria ficado a negrejar sobre as suas feições. Depois, já nas passagens finais do texto, abandonado o vociferar do café cheio de fumo, deixadas para atrás as longas fileiras dos candeeiros acesos, vemos enfim o cronista a afastar-se da cidade, sozinho, em direção ao mar e, tendo chegado à praia, os olhos postos no Cruzeiro do Sul, ei-lo a recitar os versos que falam duma *Morne Ville, jadis reine des Océans...* Versos que vêm rematar o seu percurso, nem outra coisa seria de esperar, «como uma prece sobre o túmulo da cidade defunta» (p. 30).

¹³ Edoardo SANGUINETI, *Guido Gozzano. Indagini e letture*, Torino, Einaudi, 1966, p. 163. No livro de Sanguineti cumpre destacar, em relação à crónica em análise, o capítulo intitulado «Le città morte» (pp. 149-164). Sobre o tema da busca no relato de Gozzano e em dois textos ficcionais contemporâneos ligados a Goa – *Notturmo indiano* (1984) de Antonio Tabucchi e *Um estranho em Goa* (2000) de José Eduardo Agualusa –, podemos assinalar também um ensaio da autoria de Roger Friedlein: Roger FRIEDLEIN, «A modernidade na escrita de Goa – um lugar de busca em José Eduardo Agualusa, Antonio Tabucchi e Guido Gozzano» in: Volker JAECKEL (ed.), *Olhares lítero-artísticos sobre a cidade moderna*, München, Martin Meidenbauer, 2011, pp. 23-35.

¹⁴ Veja-se: Élisée RECLUS, *Nouvelle géographie universelle*, p. 478.